

## Índice

1. Prólogo: Uma Ferida Estranha	7
2. Clara, <i>a Loira</i>	13
3. O Senhor da Sobreloja	19
4. O Senhor do Primeiro Andar	27
5. O Assalto	37
6. Primeira Luta	47
7. Solar, Vende-Se	53
8. Um Estranho Colaborador	61
9. Perseguindo o Grande Paul	71
10. O Bar do Caranguejo	79
11. O Casino Azul	87
12. Os Dois Sorrisos	97
13. A Armadilha	107
14. Rivalidade	115
15. O Crime	125
16. Zozotte	133
17. Angústia	141
18. Os Dois Sorrisos Explicam-Se	147
19. Gorgeret Perde a Cabeça	157
20. Austerlitz? Waterloo?	167
21. Raoul Manobra e Fala...	175
22. O Crime de Perseu	185

# 1

## Prólogo

### Uma Ferida Estranha

O drama, com as circunstâncias que o prepararam e as peripécias que comporta, pode ser resumido nalgumas páginas, sem que haja risco de deixar na sombra o mais ínfimo pormenor que valha a pena ter em conta para atingir a verdade inacessível.

Passou-se tudo o mais naturalmente possível. Nenhuma das ameaças dissimuladas do destino, como as há muitas vezes antes de acontecimentos de certa importância. Nenhuma brisa anunciando o furacão. Nenhuma angústia. Nem mesmo uma inquietação entre aqueles que foram espectadores consternados do episódio, tão trágico devido à imensidade do mistério que o rodeou.

São estes os factos: o senhor e a senhora de Jouvelle e os convidados que eles recebiam no seu solar de Volnic em Auvergne — um grande edifício de torrezinhas de telhas vermelhas — tinham assistido a um concerto dado em Vichy pela admirável cantora Élisabeth Hornain. No dia seguinte, 13 de Agosto, a convite da Sr.<sup>a</sup> de Jouvelle, que conhecera Élisabeth antes de ela ter pedido o divórcio do banqueiro Hornain, esta veio almoçar ao solar, que ficava a poucos quilómetros de Vichy.

Foi um almoço muito alegre. Os donos da casa sabiam dar ao seu acolhimento aquela graça e delicadeza que põem à vontade os convidados. Estes eram oito e competiam em espírito e em graça. Havia três casais novos, um general reformado e o marquês Jean d'Erle-

mont, fidalgo de cerca de quarenta anos, com uma bonita figura e um encanto a que nenhuma mulher ficava insensível.

Mas as homenagens daquelas dez pessoas, o esforço para agradar e para brilhar conjugavam-se em volta de Élisabeth Hornain, como se, na presença dela, não se pudesse pronunciar nenhuma palavra que não tivesse por fim fazê-la sorrir ou atrair-lhe o olhar. Ela, pelo contrário, não se esforçava por agradar nem por brilhar. Deixava cair de vez em quando uma frase, rara, onde havia bom senso, delicadeza, mas não se via espírito ou vivacidade. Para quê? Era bela. A sua beleza dava-lhe direito a tudo. Mesmo que dissesse as coisas mais profundas, perder-se-iam no brilho da sua beleza. Diante dela não se pensava noutra coisa; nos seus olhos azuis, nos seus lábios sensuais, no brilho da sua pele, na forma do rosto. Mesmo no teatro, apesar da voz quente e do seu real talento de artista lírica, impunha-se sobretudo por ser tão bela.

Usava sempre vestidos muito simples, em que não se repararia mais se tivessem maior elegância, porque só se pensava na graça do seu corpo, na harmonia dos seus gestos e no esplendor dos seus ombros. Brilhavam-lhe ao pescoço colares maravilhosos que se entrelaçavam uns nos outros numa desordem deslumbrante de rubis, esmeraldas e diamantes. Se os elogiavam, continha a admiração com um sorriso:

— Jóias de teatro... Mas concordo que estão bem imitadas.

— Teria jurado... — diziam então.

Ela confirmava:

— Eu também... E toda a gente se deixa enganar...

Depois do almoço, o marquês d'Erlemont fez tais manobras que conseguiu mantê-la afastada e falar-lhe a sós. Ela escutava com interesse e com ar sonhador.

Os outros convidados formavam grupo em volta da dona da casa que parecia irritada com aquele afastamento.

— Está a perder tempo — murmurava ela. — Há anos que conheço Élisabeth e não há esperanças nenhuma aos apaixonados. É uma bela estátua, indiferente. Vá, meu filho, podes representar o que quiseres e usares os teus melhores argumentos... Não há nada a fazer.

Estavam todos sentados no terraço, à sombra do solar. Estendia-se aos seus pés um jardim extenso, de linhas direitas, relvados verdes,

alamedas de areia amarela, guarnições de teixos talhados. Ao fundo, o amontoado de ruínas que restavam do antigo castelo, a torre de menagem e a capela, dispostas em diferentes elevações percorridas por caminhos entre o emaranhado dos loureiros, do buxo e do azevinho.

O local era majestoso e imponente e o espectáculo tinha tanto mais carácter quanto se sabia que por trás daquele amontoado prodigioso havia o vazio de um precipício. Esse lado caía a pique sobre uma ravina que rodeava o domínio e no fundo da qual bramia, a uma profundidade de cinquenta metros, a água tumultuosa de uma torrente.

— Que cenário! — disse Élisabeth Hornain. — Quando pensamos no papel pintado dos nossos cenários, na tela das paredes a tremer e nas árvores recortadas!... Como seria bom representar aqui.

— Mas quem a impede de cantar, Élisabeth? — disse a Sr.<sup>a</sup> de Jouvelle.

— A voz perde-se nesta imensidade.

— A sua voz não — protestou Jean d'Erlemont. — Como seria belo! Conceda-nos essa visão...

Ela ria. Procurava desculpas e debatia-se no meio de todos que insistiam e suplicavam.

— Não, não — dizia ela — fiz mal em falar nisso... Seria ridículo... Ficaria tão insignificante!...

Mas a sua resistência diminuía. O marquês pegava-lhe na mão e arrastava-a.

— Venha... eu mostro-lhe o caminho... Venha... dava-nos tanto prazer!

Ela hesitou ainda e, depois, decidiu-se:

— Seja. Acompanhe-me até às ruínas.

De súbito decidida, seguiu pelo jardim, lentamente, com aquele andar leve e bem ritmado que tinha no teatro. Depois dos relvados, subiu cinco degraus de pedra que a conduziram ao terraço oposto ao do solar. Havia outros degraus mais estreitos com uma rampa onde alternavam vasos de gerânios e pedras antigas. À esquerda, ficava uma avenida de aucubas por onde ela desapareceu seguida do marquês.

Passado um momento viram-na, sozinha já, subindo uns degraus escarpados, enquanto Jean d'Erlemont voltava a aparecer no jardim. Surgiu por fim, mais alto ainda, numa plataforma onde havia três arcos góticos de uma capela demolida e, ao fundo, uma muralha de hera delimitando o espaço.

Parou. De pé sobre uma elevação que lhe servia de pedestal, parecia de proporções sobre-humanas. E, quando estendeu os braços e se pôs a cantar, encheu com os gestos e com a voz o vasto espaço de folhagem e granito coberto pelo céu azul.

Os Jouvelle e os seus convidados escutavam e olhavam com expressões tensas e aquela impressão que se sente quando se formam no fundo de nós recordações que sabemos que serão inolvidáveis. O pessoal do solar, o pessoal da quinta que confinava com os muros do domínio e uma dezena de camponeses da aldeia vizinha tinham-se agrupado às portas e junto das árvores, e todos sentiam a beleza extraordinária daquele momento.

O que Élisabeth Hornain cantava ninguém sabia. A sua voz elevava-se e expandia-se em notas graves, amplas, trágicas por vezes, mas palpitantes de esperança e de vida. E de repente...

É preciso lembrar que a cena se passava numa segurança absoluta e que não havia a menor razão, humanamente possível, para que ela não continuasse e não acabasse na mesma absoluta segurança. O que se passou foi brusco e imediato. Se houve diferenças de sensação entre os espectadores, houve porém uma única certeza — de que todos deram testemunho: a de que o facto rebentou como uma bomba que não se poderia ter adivinhado nem previsto (surgiu a mesma expressão em todos os depoimentos).

Sim, de súbito, foi a catástrofe. A voz mágica parou de repente.

A estátua viva que cantava lá em baixo no espaço aberto, vacilou no seu pedestal de ruínas e caiu sem um grito, sem um gesto de medo, sem um movimento de defesa ou de aflição. Tiveram imediatamente, de maneira irrevogável, a convicção de que não houvera luta nem agonia e que iriam chegar, não junto de uma mulher moribunda, mas de uma mulher que a morte atingira de repente.

Na realidade, quando chegaram à esplanada superior, Élisabeth Hornain jazia lívida... Congestão? Crise cardíaca? Não. O sangue corria abundantemente no cimo do ombro nu e da garganta.

Viram imediatamente aquele sangue vermelho que jorrava. E verificaram ao mesmo tempo uma coisa incompreensível, que alguém traduziu num grito de espanto:

— Os colares desapareceram!

Seria fastidioso lembrar os pormenores de um inquérito pelo qual, na época, todos se apaixonaram. Inquérito inútil, aliás, e rapidamente concluído. Os magistrados e polícias que o conduziram chocaram desde o princípio com uma porta fechada, contra a qual todos os esforços foram vão. Todos tiveram a impressão profunda de que não havia nada a fazer. Um crime, um roubo. Era tudo.

Porque o crime era indiscutível. É verdade que não encontraram arma, nem projectil, nem assassino. Mas quanto a negar o crime ninguém pensou nisso. De quarenta e dois espectadores, cinco afirmaram ter visto um clarão, em qualquer parte, sem que essas cinco afirmações concordassem quanto ao local e direcção do clarão. Os trinta e sete restantes nada tinham visto. Do mesmo modo, três pessoas pretenderam ter ouvido um ruído surdo de uma detonação enquanto as outras trinta e nove não ouviram nada.

Em todo o caso, o próprio facto do crime continuava indiscutível porque havia a ferida, ferida terrível, pavorosa, ferida que poderia ter sido provocada no cimo do ombro esquerdo, mesmo junto ao pescoço, por uma bala monstruosa. Uma bala? Mas seria preciso que o assassino estivesse nas ruínas, num local mais elevado que a cantora e que essa bala tivesse penetrado profundamente na carne e tivesse causado perturbações internas, o que não se passara.

Dir-se-ia antes que a ferida, de onde o sangue jorrara, teria sido provocada por um instrumento contundente, martelo ou cassetete. Mas quem teria manejado esse martelo ou esse cassetete? E como é que esse gesto poderia ter ficado invisível?

E, por outro lado, que teria acontecido aos colares? Se tivesse havido crime e se tivesse havido roubo, quem teria cometido ambos? E que milagre teria permitido ao agressor escapar-se, enquanto alguns criados colocados nas janelas do último andar não haviam tirados os olhos da cantora, da esplanada onde cantava, do corpo quando caíra, do cadáver quando jazia no chão? Toda essa gente teria visto, sem dúvida nenhuma, as idas e vindas de um homem, a

sua fuga entre os muros, a sua corrida?... quando, por trás, o cenário de ruínas terminava numa falésia abrupta que era materialmente impossível subir ou descer?...

Ter-se-ia deitado debaixo da hera ou nalgum buraco? Procurou-se durante duas semanas. Mandaram vir de Paris um jovem polícia, ambicioso e tenaz, Gorgeret, que obtivera já grandes êxitos. Esforços perdidos. Investigações sem resultado. O caso foi encerrado, com grande pena de Gorgeret, que se comprometeu consigo próprio a não o abandonar.

O senhor e a senhora de Jouvelle, aterrorizados por este drama, deixaram Volnic anunciando a sua firme intenção de nunca mais lá voltarem. O solar foi posto à venda, mobilado, tal como estava.

Alguém o comprou seis meses mais tarde. Não se soube quem. Foi o Dr. Audigat, o notário, que negociou a venda no maior segredo.

Todos os criados, caseiros, jardineiros foram despedidos. Só a grande torre, debaixo da qual passava o portão, se manteve habitada, por um indivíduo de certa idade que lá se instalou com a mulher: Lebardon, antigo polícia. Reformara-se e aceitara este lugar de confiança.

Os habitantes da aldeia tentaram em vão fazê-lo falar: a sua curiosidade nunca foi satisfeita. Vigiava com severidade. Reparavam, porém, que, várias vezes, talvez uma vez por ano, em épocas diferentes, chegava um senhor à noite de carro, dormia no solar e voltava a partir no dia seguinte à noite. Era sem dúvida o proprietário que vinha falar com Lebardon. Mas não havia nenhuma certeza. Não se sabia mais nada por este lado.

Onze anos mais tarde, o polícia Lebardon morreu.

A mulher ficou sozinha na torre de entrada. Tão pouco faladora como o marido, não dizia nada do que se passava no solar. Mas passar-se-ia alguma coisa?

E passaram mais quatro anos.